

Análise Apex-Brasil
CONJUNTURA & ESTRATÉGIA

Agosto 2009

ApexBrasil

AGÊNCIA BRASILEIRA DE PROMOÇÃO
DE EXPORTAÇÕES E INVESTIMENTOS



Alessandro G. Teixeira
Presidente Da Apex-Brasil

Maurício Borges
Diretor de Negócios

Ricardo Schaefer
Diretor de Gestão e Planejamento

Marcos T. C. Lélis
Coordenador da Unidade de Inteligência Comercial e Competitiva (UICC)

IMPACTOS DA CRISE ECONÔMICA SOBRE AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS: UMA MEDIDA DOS GANHOS E PERDAS REAIS SETORIAIS

Autores:

Marcos T. C. Lélis

*Coordenador da Unidade de Inteligência
Comercial e Competitiva (UICC)*

Kellen Fraga

*Assessora do Núcleo de Análise Econômica
e Inteligência em Investimentos*

Manuela Lima

*Assistente do Núcleo de Análise Econômica
e Inteligência em Investimentos*

INTRODUÇÃO

Com o objetivo de mensurar os impactos da crise econômica internacional sobre o desempenho recente das exportações brasileiras, a edição anterior do boletim Conjuntura & Estratégia¹ mediu as perdas reais das exportações totais do Brasil atribuídas ao contexto de retração econômica mundial.

Em maio de 2008², ainda durante a primeira fase da crise, caracterizada pelo colapso do mercado financeiro internacional, verificou-se uma elevação no movimento tendencial das vendas externas brasileiras. Constatou-se que o forte crescimento das exportações pode ter decorrido da combinação de dois fatores: (i) alta nos preços internacionais das *commodities*, como resultado da mudança de percepção dos investidores diante da desvalorização dos ativos financeiros; (ii) defasagem da regularização de embarques de mercadorias não registradas nos meses iniciais do ano de 2008, computadas somente em abril e maio, devido à operação-padrão dos auditores fiscais aduaneiros no Brasil. Analisando-se ainda mais os resultados, percebeu-se a existência de um terceiro fator para explicar o comportamento das exportações brasileiras na primeira fase da crise internacional: um provável movimento especulativo por meio da formação de estoques de *commodities*, configurando-se em uma medida de antecipação ao crescimento substancial daqueles preços.

Entretanto, a segunda fase da crise mundial contagiou a esfera produtiva e o comércio mundial³, tendo em vista os impactos negativos sobre a economia real. A transmissão dos efeitos da segunda fase da crise internacional às exportações brasileiras configurou-se na queda significativa do movimento tendencial das vendas externas do País, verificada a partir de novembro de 2008.

A análise da dinâmica recente das exportações brasileiras totais identificou as duas fases da crise econômica mundial como eventos determinantes na trajetória de longo prazo das vendas externas do país. Realizada a projeção das exportações sem a interferência dos referidos efeitos, comparou-se o valor observado com o projetado, de modo a encontrar uma medida precisa das perdas reais conferidas às exportações brasileiras totais. Com base nos resultados projetados para as exportações totais sem os efeitos da crise mundial, a economia brasileira teria acumulado US\$ 21,8 bilhões ou US\$ 3,6 bilhões/mês de maio a outubro de 2008, isto é, durante a primeira fase da crise mundial. Isso porque as exportações observadas superaram o valor estimado em 30,0%. Já a recessão econômica que configurou a segunda fase da crise internacional gerou uma perda real das exportações brasileiras da ordem de US\$ 28,9 bilhões ou, em termos mensais, US\$ 3,2 bilhões/mês no período novembro de 2008 a julho de 2009. O valor exportado mostrou-se 20,4% relativamente menor do que o valor esperado. Computando-se o resultado líquido dos efeitos da crise econômica mundial sobre o desempenho das exportações brasileiras, o País deixou de exportar US\$ 7,1 bilhões de maio de 2008 a julho de 2009.

Contudo, as perdas reais das exportações brasileiras diante da evolução da crise internacional não evidenciam o desempenho individual dos setores exportadores no Brasil. Sabe-se que os impactos da recessão mundial têm atingido de modo particular a atividade econômica do País e, conseqüentemente, o

1 *A edição de julho do boletim Conjuntura & Estratégia está disponível em www.apexbrasil.com.br*

2 *A primeira fase da crise mundial iniciou-se no segundo semestre de 2007 e estendeu-se até o final do primeiro semestre de 2008.*

3 *A segunda fase da crise econômica internacional iniciou-se no segundo semestre de 2008.*

comportamento das vendas externas setoriais. Por este motivo, neste Boletim busca-se mensurar os impactos da conjuntura de crise mundial sobre o resultado das exportações das atividades agrícola e industrial no Brasil.

MEDINDO AS PERDAS REAIS DAS EXPORTAÇÕES DOS SETORES DA ATIVIDADE ECONÔMICA DURANTE A CRISE

As análises do desempenho setorial das vendas externas do Brasil baseiam-se na compreensão do movimento tendencial das exportações de cada setor ao longo do tempo. Mudanças na trajetória de longo prazo das exportações são detectadas e retiradas do cálculo das projeções após a crise mundial, para que estas não sejam comprometidas pela influência dos eventos que marcaram o período. Ou seja, os impactos da crise internacional serão verificados setor a setor, ou a um conjunto de setores, quando conveniente, tendo em vista que a dinâmica de crescimento da atividade econômica apresenta movimentos distintos diante do quadro de deterioração do comércio internacional.

A definição utilizada para os setores segue a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE). Será avaliado o desempenho exportador dos setores primário (agricultura, pecuária, silvicultura, pesca e aqüicultura), e secundário (indústrias de transformação e indústrias extrativas⁴). Com relação ao método de apuração das exportações por setor, realizou-se a conversão dos códigos dos produtos de exportação da Nomenclatura Comum do MERCOSUL (NCM) em códigos de setores de atividade CNAE. Esta foi realizada de acordo com um tradutor, que se utiliza do critério de correspondência entre NCM 2002 x 2007 x CNAE, atualizado para o ano de 2008. Cada NCM foi associado a um código CNAE com abertura de dois dígitos. Esse tradutor permitiu que fossem associados 9.885 produtos da pauta de exportação brasileira aos 29 setores das atividades econômicas primárias e secundárias. Assim, as exportações mensais de cada setor compreenderam ao somatório das exportações das mercadorias correspondentes⁵.

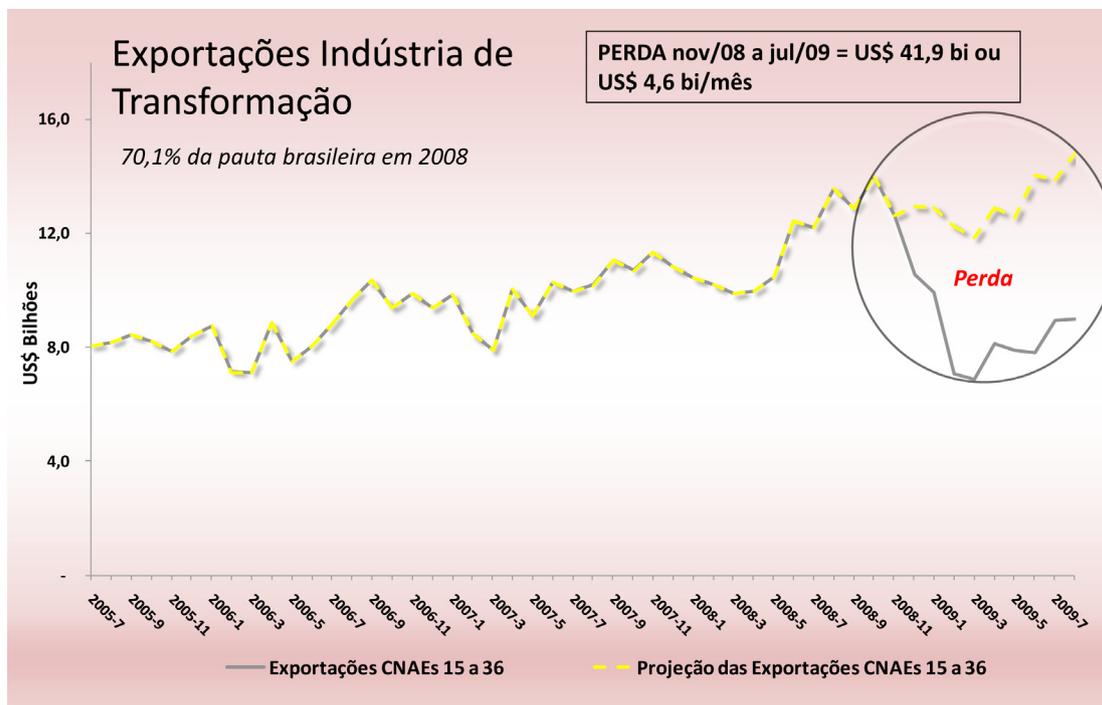
Comparados os valores observados das exportações com os valores projetados sem o período da crise, calculam-se os ganhos e perdas líquidos das exportações setoriais. Primeiramente comenta-se o desempenho do grupo de setores que abrangem 85,0% da pauta exportadora do País: as indústrias de transformação e extrativa. Posteriormente, serão analisadas as atividades de agricultura, pecuária e atividades relacionadas. Contudo, torna-se interessante avaliar também o comportamento das exportações de alguns setores em particular, como metalurgia básica, automóveis, máquinas e equipamentos, couro e artefatos e alimentos e bebidas, tendo em vista duas razões: (i) esses setores representam cerca de 61,7% das exportações da indústria de transformação, e (ii) correspondem a mais de 76,0% das exportações dos projetos de promoção comercial da Apex-Brasil. Os resultados são apresentados a partir do comportamento das exportações da

4 *A indústria de transformação compreende 22 setores: alimentos e bebidas, fumo, produtos têxteis, vestuário, couros e artefatos, produtos de madeira, celulose e papel, edição, impressão e gravações, refino de petróleo, combustíveis nucleares e álcool, produtos químicos, borracha e plástico, minerais não-metálicos, metalurgia básica, produtos de metal, máquinas e equipamentos, máquinas para escritório e informática, máquinas e aparelhos elétricos, material eletrônico e comunicações, equipamentos médio-hospitalares e ópticos, veículos, reboques e carrocerias, outros equipamentos de transporte e móveis e indústrias diversas. A indústria extrativa compreende 4 setores: extração de carvão mineral, extração de petróleo e serviços relacionados, extração de minerais metálicos e extração de minerais não-metálicos.*

5 *Um grupo de 77 produtos exportados permanecerem sem classificação CNAE, tendo em vista a entrada de novos produtos na pauta exportadora brasileira em 2009.*

indústria de transformação, no Gráfico 1.

Gráfico 1: Exportações e projeção das exportações da indústria de transformação – julho de 2005 a julho de 2009



Fonte: Mdic. Elaboração Apex-Brasil.

Analisando-se o comportamento das exportações da **indústria de transformação**, percebe-se um descolamento dos seus valores **observados** dos valores **projetados** a partir de novembro de 2008⁶. Entende-se que o agravamento da crise econômica mundial debilitou os setores da indústria que agrega maior valor à pauta exportadora, de modo a gerar perdas expressivas, de repercussões sobre a economia do País⁷. Isto porque as exportações somaram US\$ 76,2 bilhões no acumulado novembro de 2008 a julho de 2009, enquanto que a projeção alcançou US\$ 118,2 bilhões diante de um cenário externo vislumbrado sem os efeitos da crise. A comparação destes resultados confere uma perda real de **US\$ 41,9 bilhões** nas exportações da indústria de transformação de novembro a julho, o que significa uma redução de 35,4% das vendas externas dessa indústria em relação ao seu valor esperado. **Do ponto de vista da perda mensal, essa chega a US\$ 4,6 bilhões/mês, o que indica uma perda real mais profunda das exportações da indústria de transformação do que a verificada nas exportações brasileiras totais (US\$ 3,2 bilhões/mês) no mesmo período.**

O comportamento declinante das exportações da indústria de transformação baseou-se na redução significativa das exportações de quatro importantes setores, cuja produção apresenta distintos graus de intensidade tecnológica. Salienta-se que cada setor apresentou uma resposta diferenciada durante a conjuntura de crise mundial, uma vez que foram considerados os impactos setor a setor:

6 A mudança no movimento de tendência de longo prazo das exportações da indústria de transformação ocorre em novembro de 2008.

7 Essa indústria respondeu por 70,1% do total das exportações do Brasil em 2008 e, juntamente à construção civil, representou aproximadamente 15,6% do total dos empregos daquele ano.

(i) Metalurgia básica: as exportações apresentaram uma perda real líquida de US\$ 2,8 bilhões ou US\$ 155,0 milhões/mês desde o início do impacto da crise sobre o setor⁸. Isso por que as exportações de metalurgia básica foram 9,5% menor do que o esperado. Cabe ressaltar, contudo, que esse efeito líquido decorreu de dois movimentos distintos das exportações do setor. No primeiro movimento, durante o período fevereiro-outubro de 2008, as vendas externas do setor de metalurgia básica obtiveram ganhos reais de US\$ 2,6 bilhões em relação à projeção realizada, devido aos impactos positivos da primeira fase da crise econômica. Esses efeitos corresponderam principalmente à valorização dos preços internacionais das *commodities*, elevando as exportações de produtos semimanufaturados cujos insumos são ferro e aço. Destaca-se que as vendas externas desses produtos semimanufaturados cresceram 300,9% em relação ao mesmo período do ano anterior. No entanto, no segundo movimento, verificado de novembro de 2008 a julho de 2009, as exportações do setor computaram uma perda real de US\$ 5,4 bilhões, devido aos impactos negativos da segunda fase da crise internacional. Verificou-se uma redução de mais de 46,0% no valor das exportações de produtos semimanufaturados de ferro e aço. A participação das exportações do setor de metalurgia básica foi de 10,6% no total das vendas externas do Brasil em 2008.

(ii) Veículos automotores, reboques e carrocerias: comparando-se o valor exportado com as estimativas realizadas sem os efeitos da crise mundial, o setor somou perdas reais de US\$ 5,9 bilhões ou US\$ 497,4 milhões/mês⁹. Ou seja, o agravamento do comércio mundial provocou uma retração de 37,3% nas exportações do setor, em relação ao que se projetava. Como as exportações da indústria de veículos automotores caracterizam-se por serem intensivas em escala, estas responderam rapidamente aos impactos da crise, com quedas significativas no valor exportado de alguns veículos. As vendas externas de tratores, carrocerias e automóveis caíram, respectivamente, 41,0%, 28,3% e 22,5% em relação ao mesmo período do ano anterior. O setor representou 7,0% da pauta exportadora brasileira em 2008.

(iii) Máquinas e equipamentos: as exportações do principal setor de produção de bens de capital apresentaram uma perda real de US\$ 4,3 bilhões ou US\$ 391,9 milhões/mês com a crise econômica. Isso porque as exportações foram 32,6% menores do que a previsão realizada sob condições normais de conjuntura externa no acumulado setembro de 2008 a julho de 2009¹⁰. Os principais produtos que contribuíram para a perda do setor foram “outras partes para tratores e automóveis”, o que pode representar um reflexo das perdas

8 *A mudança na trajetória da tendência das exportações do setor de metalurgia básica ocorreu em fevereiro de 2008.*

9 *A crise econômica internacional impactou o setor de veículos automotores, reboques e carrocerias a partir de agosto de 2008, mês de referência para a queda expressiva do movimento tendencial das exportações desse setor.*

10 *O mês de setembro de 2008 marcou a queda expressiva na tendência de longo prazo das exportações de máquinas e equipamentos.*

atribuídas ao setor de veículos automotores. As exportações dessas máquinas reduziram-se em mais de 31,8% em relação ao mesmo período anterior. O setor representou 6,6% da pauta exportadora do Brasil em 2008.

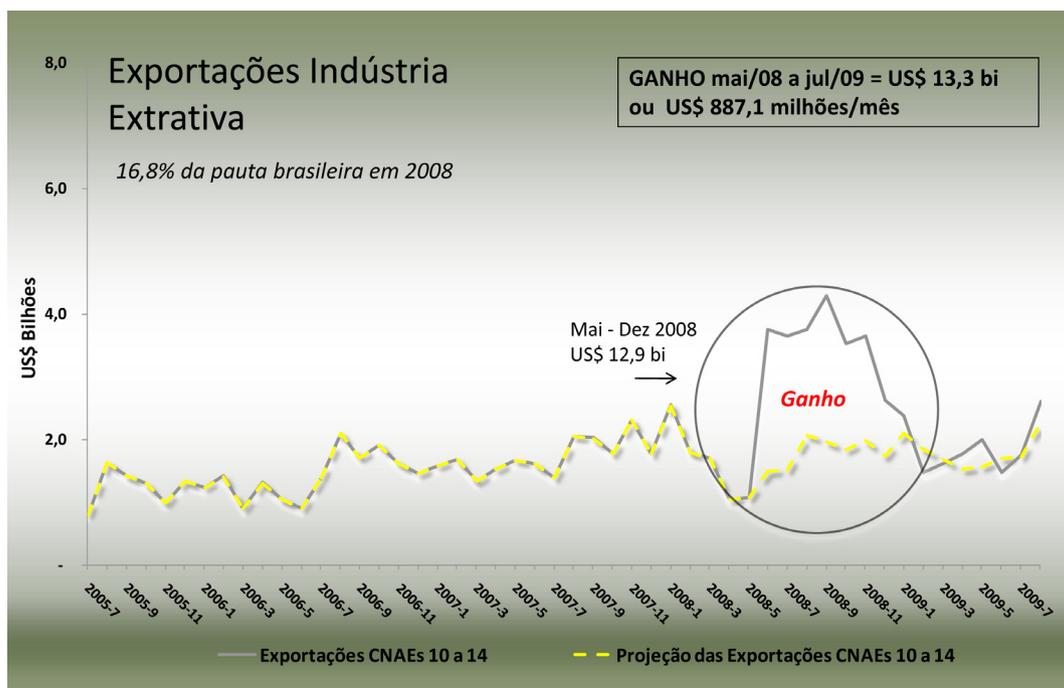
(iv) Couros e artefatos: essa indústria, altamente intensiva em trabalho, já vinha demonstrando sinais de contração das exportações tendo em vista a concorrência principalmente com os calçados chineses. Porém, as exportações do setor coureiro-calçadista somaram uma perda real de US\$ 801,5 milhões ou US\$ 89,0 milhões/mês durante a crise mundial¹¹. Ou seja, no acumulado novembro de 2008 a julho de 2009, as exportações desse setor foram 28,6% menores do que se esperaria para o período. A queda das vendas externas de couros e peles bovinos chegou a 63,3%, e de calçados de solado de borracha, 26,6%, em relação ao mesmo período do ano anterior. Adverte-se que, em se tratando das pequenas e médias empresas que compõem majoritariamente o setor, a perda de US\$ 801,5 milhões das exportações em comparação à trajetória esperada é muito expressiva. Em termos da representatividade das exportações dessas indústrias no total das vendas externas do Brasil, estas foram de apenas 2,0% em 2008.

(v) Alimentos e bebidas: o desempenho das exportações do setor será apresentado posteriormente, devido à sua relevância na pauta exportadora brasileira: 17,0% em 2008.

Diferentemente do comportamento das exportações da indústria de transformação e de alguns de seus principais setores, as exportações observadas da indústria extrativa foram superiores ao valor projetado no período que se estende de maio de 2008 a julho de 2009. Sabendo-se que a projeção considerou o movimento tendencial das exportações dessa indústria sem os efeitos do quadro recessivo mundial, conclui-se que o conjunto de indústrias que tratam da extração das principais *commodities* minerais e energéticas beneficiou-se durante a primeira fase da crise econômica. O ganho real desses setores pode ser observado no Gráfico 2.

¹¹ A mudança na trajetória tendencial das exportações do setor de preparação de couros e fabricação de artefatos ocorreu no mês de setembro de 2008, evidenciando o início dos impactos negativos da crise internacional sobre o setor.

Gráfico 2: Exportações e projeção das exportações da indústria extrativa – julho de 2005 a julho de 2009



Fonte: Mdic. Elaboração Apex-Brasil.

Comparando-se as exportações observadas da **indústria extrativa** no acumulado de maio de 2008 a julho de 2009 (US\$ 40,2 bilhões), com a projeção realizada (US\$ 26,9 bilhões), constata-se que a indústria obteve um ganho real de **US\$ 13,3 bilhões ou US\$ 887,1 milhões/mês**¹². Esse ganho de 50,0% das exportações em relação a sua projeção parece estar associado a dois movimentos. Por um lado, verifica-se um movimento de preços, pautado, basicamente, na valorização das vendas externas da atividade de extração de petróleo. Estas decorreram da elevação dos preços internacionais das *commodities*, impactando positivamente as exportações da indústria extrativa e, conseqüentemente, as exportações brasileiras totais. O valor das vendas externas de óleos brutos de petróleo cresceu 84,5% no acumulado maio de 2008 a julho de 2009, em relação ao mesmo período do ano anterior. Por outro lado, observou-se um movimento ligado ao volume de minerais metálicos importados preponderantemente pela China. O valor exportado de minério de ferro aglomerado total aumentou 95,0% no acumulado maio de 2008 a julho de 2009, em relação ao mesmo período anterior. Observa-se que esses efeitos foram mais intensos durante o período maio a dezembro de 2008, já que o ganho real de US\$ 12,9 bilhões ou US\$ 1,6 bilhões/mês representou mais de 97,0% do total da receita acumulada pelos setores da indústria extrativa em 15 meses.

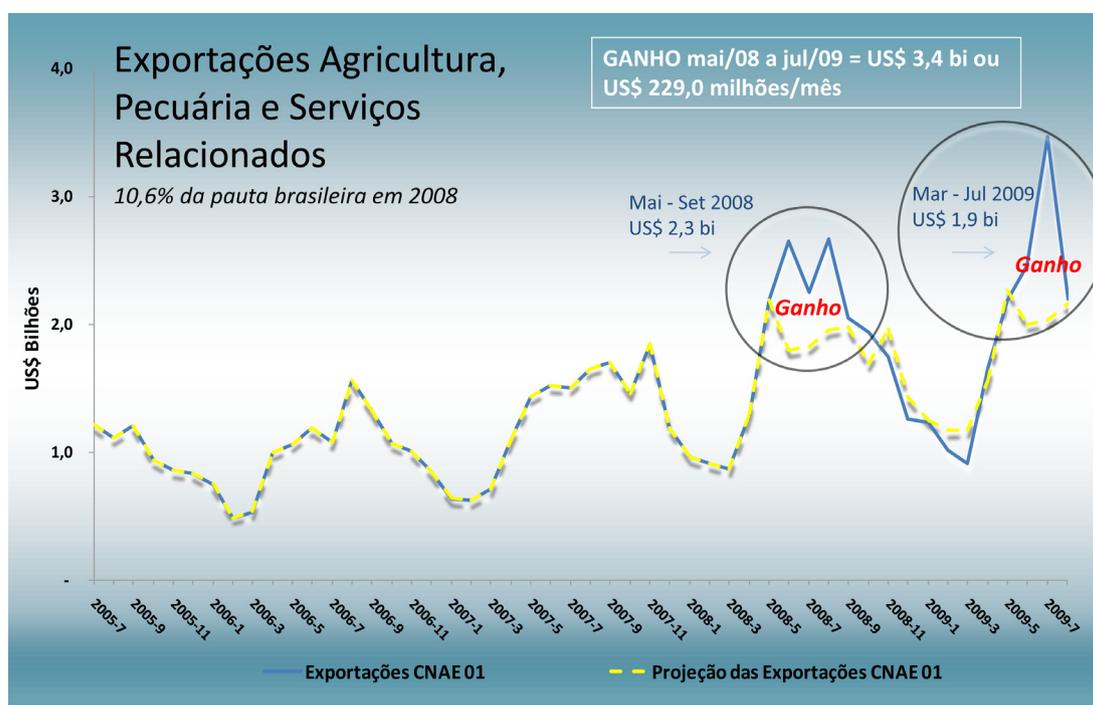
Essas constatações revelam que a indústria extrativa beneficiou-se dos efeitos da crise internacional, principalmente da sua primeira fase. Isto é, apesar da recessão econômica ter abalado o comércio mundial e impactado negativamente as exportações brasileiras totais no final do ano de 2008, as vendas externas

¹² A elevação significativa da trajetória de longo prazo das exportações da indústria extrativa foi verificada em maio de 2008. Este mês define, portanto, o início dos efeitos da crise econômica sobre o setor. Não coincidentemente, maio de 2008 marcou também a trajetória de ascensão temporária das vendas externas brasileiras.

da indústria extrativa mantiveram uma trajetória similar à projeção realizada. Assim, o setor continuou a exportar segundo seu ritmo normal de crescimento, não apresentando quedas sistemáticas no ano de 2009, apesar do agravamento da crise mundial.

A fim de analisar o desempenho das exportações de todos os setores que parecem ter sido favorecidos com a valorização dos preços internacionais das *commodities*, apresenta-se no Gráfico 3 o comportamento das exportações da agricultura, pecuária e serviços relacionados. O ganho real das vendas externas desses setores mostrou-se elevado, porém relativamente menor em valor absoluto do que a receita computada proveniente das exportações das indústrias extrativas. Adverte-se que a projeção realizada para os setores voltados à exportação de produtos essencialmente agrícolas também se estendeu de maio de 2008 a julho de 2009. Todavia, os setores apresentam ainda no ano de 2009 um ganho real da ordem de US\$ 1,9 bilhão.

Gráfico 3: Exportações e projeção das exportações da agricultura e pecuária – julho de 2005 a julho de 2009



Fonte: Mdic. Elaboração Apex-Brasil.

As exportações da **agricultura e pecuária**, derivadas do cultivo e produção de lavouras temporárias e permanentes, horticultura e criação de animais, bem como os serviços relacionados ao plantio e colheita agrícola, manejo e inseminação de animais atingiram US\$ 29,6 bilhões, superando em mais de **US\$ 3,4 bilhões** a projeção realizada (US\$ 26,2 bilhões). O que significa dizer que o valor exportado pelo setor no acumulado maio de 2008 a julho de 2009 foi 13,0% maior do que a estimativa prevista, tendo em vista os efeitos positivos da crise. Em termos mensais, as exportações da agricultura e pecuária acumularam **US\$ 229,1 milhões/mês**.

Contudo, há de se chamar a atenção para o fato das exportações da agricultura e pecuária apresentarem dois momentos de ganhos reais elevados, em relação à projeção: no acumulado maio a

setembro de 2008 (ganho real de US\$ 2,3 bilhões) e nos meses de março a julho de 2009 (ganho real US\$ 1,9 bilhões). Em se tratando do primeiro período, observa-se a influência do efeito de valorização do preço da soja no mercado internacional, o que teria elevado o valor dessas exportações pelo Brasil em cerca de 94,0%, quando calculado em relação ao acumulado maio a setembro do ano anterior. Já no segundo período de ganho real, se previa uma exportação da ordem de US\$ 10,0 bilhões. Surpreendentemente, o Brasil vendeu para o mercado externo US\$ 11,9 bilhões. Uma provável explicação para o desempenho positivo nos meses de março a julho de 2009 baseia-se nas compras chinesas do único produto, grãos de soja, que alcançaram US\$ 5,0 bilhões nesse período. O crescimento das exportações do produto atingiu uma taxa de 14,7% em relação ao período março a julho de 2008¹³.

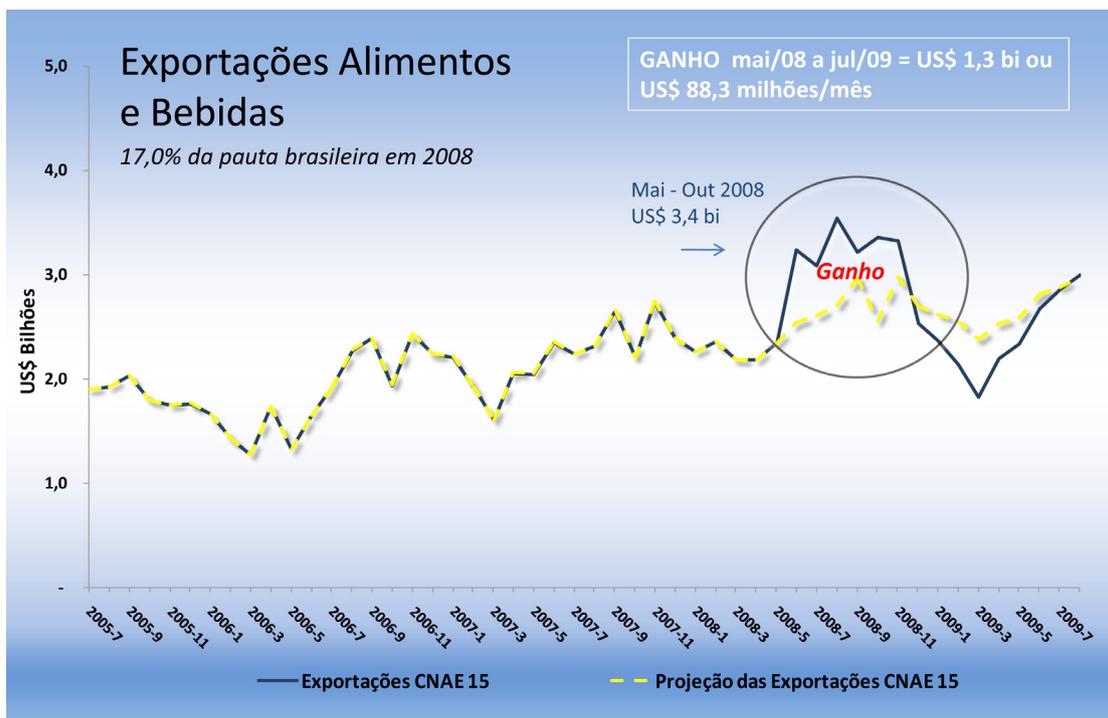
Cabe argumentar ainda que o ganho real das exportações das **atividades agrícolas em conjunto com as vendas externas da indústria extrativa** alcançou mais de **US\$ 15,0 bilhões** de maio de 2008 a julho de 2009¹⁴. Este resultado originou-se do fato de as vendas externas da ordem de US\$ 70,0 bilhões superarem em 27,3% a projeção de US\$ 55,0 bilhões. Sabe-se que somente a China importou 45,1% do total exportado das *commodities* minério de ferro e grãos de soja no acumulado maio de 2008 a julho de 2009, gerando US\$ 17,4 bilhões para o País. As elevadas compras de *commodities* agrícolas pela economia chinesa sinalizam uma possível política de acumulação de estoques pela China, uma vez que os preços internacionais desses bens declinaram após a recessão econômica mundial. Para efeitos de exportação brasileira, a estratégia chinesa mostra-se favorável somente no curto prazo, já que a retomada das condições econômicas globais determinará outras conveniências para o comércio entre os países.

Conforme se observou, os efeitos benéficos da crise mundial sobre as exportações dos setores agrícolas e extrativos no Brasil decorreram, basicamente, da cotação elevada dos preços internacionais das *commodities* e da formação de estoques da China. Esses impactos podem ter favorecido outros setores da economia, provavelmente aqueles cujo desempenho esteja atrelado às exportações de produtos intensivos em recursos naturais. Nesse sentido, calculam-se os efeitos da crise econômica sobre as vendas externas da indústria de alimentos e bebidas, como evidencia o Gráfico 4.

¹³ Essa taxa confere um desempenho ainda elevado das exportações de grãos de soja nos meses de março a julho de 2009, pois nos mesmos meses do ano anterior verificaram-se as maiores valorizações do preço do produto no mercado internacional.

¹⁴ As atividades agrícolas, que compreendem a agricultura, pecuária, silvicultura, pesca e aquicultura, quando computadas em conjunto com os setores da indústria extrativa, apresentaram uma mudança do movimento tendencial no mês de maio de 2008.

Gráfico 4: Exportações e projeção das exportações da indústria de alimentos e bebidas – julho de 2005 a julho de 2009



Fonte: Mdic. Elaboração Apex-Brasil.

Analisando-se os impactos da crise econômica internacional sobre as exportações da indústria de alimentos e bebidas, estes não foram diferentes do efeito gerado sobre as exportações dos setores agrícola e extrativo. As vendas externas da indústria agroalimentar conferiram um ganho real líquido de **US\$ 1,3 bilhões ou US\$ 88,3 milhões/mês** com a crise mundial¹⁵. Isto porque as exportações dessa indústria foram 3,2% maiores do que se esperava para o período maio de 2008 a julho de 2009.

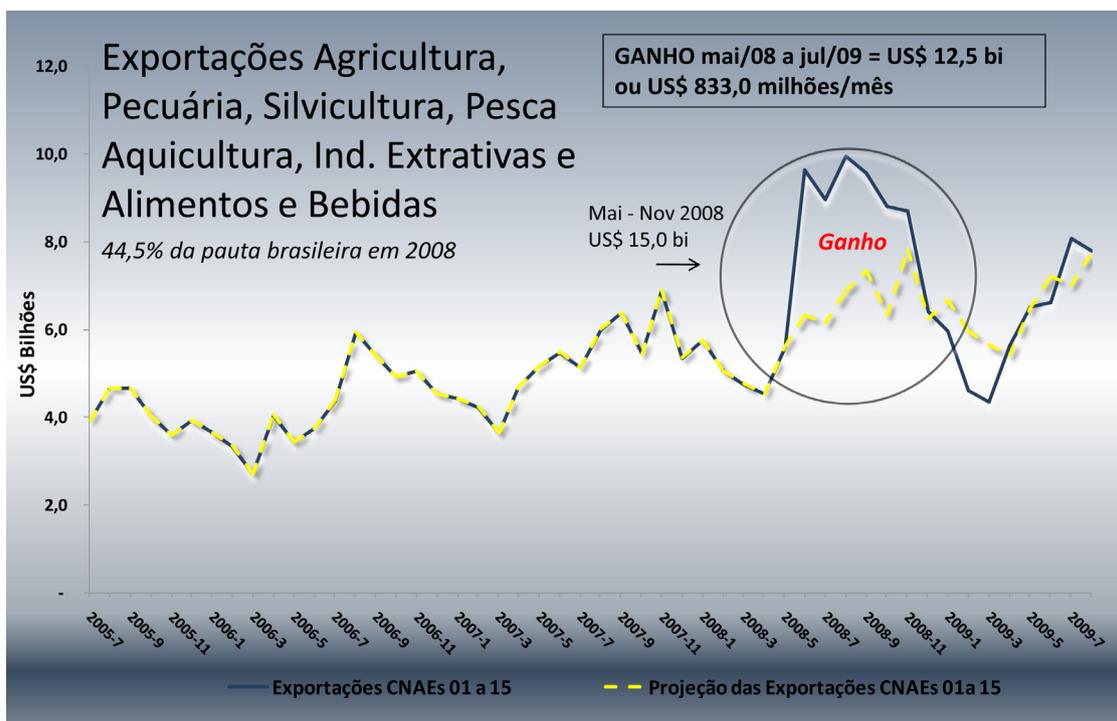
Tal comportamento foi em grande parte influenciado pelo ganho real da ordem de US\$ 3,4 bilhões, restrito aos meses maio a outubro de 2008, como mostra o Gráfico 4. As atividades de processamento e fabricação de produtos de origem animal e vegetal, por derivarem da produção de algumas *commodities* agrícolas, depararam-se também com a valorização das suas exportações na primeira fase da crise mundial. Entretanto, as exportações da indústria de alimentos e bebidas, assim como as demais indústrias de transformação, apresentaram uma perda de US\$ 2,0 bilhões com o advento da recessão mundial, iniciada em novembro de 2008. Computou-se esse efeito negativo como temporário, pois as exportações da indústria de alimentos e bebidas já iniciaram um processo de recuperação desde o mês de março de 2009.

Partindo-se do fato de que as exportações da indústria alimentícia beneficiaram-se com a crise econômica internacional, analisa-se o comportamento conjunto de todos os setores da economia brasileira cujas vendas externas obtiveram ganhos reais líquidos com a crise mundial: setor agrícola, extrativo e a já mencionada indústria de alimentos e bebidas. **A elevada receita exportadora, gerada por essas atividades no**

¹⁵ A crise mundial impactou as exportações da indústria de alimentos e bebidas em maio de 2008, provocando uma mudança significativa no movimento tendencial das vendas externas do setor.

período maio de 2008 a julho de 2009, ilustrou o desempenho das exportações brasileiras totais no mesmo período. Verificou-se que esses setores representaram, em conjunto, 44,5% do total da pauta exportadora do País no ano de 2008. Os principais resultados podem ser visualizados no Gráfico 5.

Gráfico 5: Exportações e projeção das exportações do setor agrícola, extrativo e da indústria de alimentos e bebidas – julho de 2005 a julho de 2009



Fonte: Mdic. Elaboração Apex-Brasil.

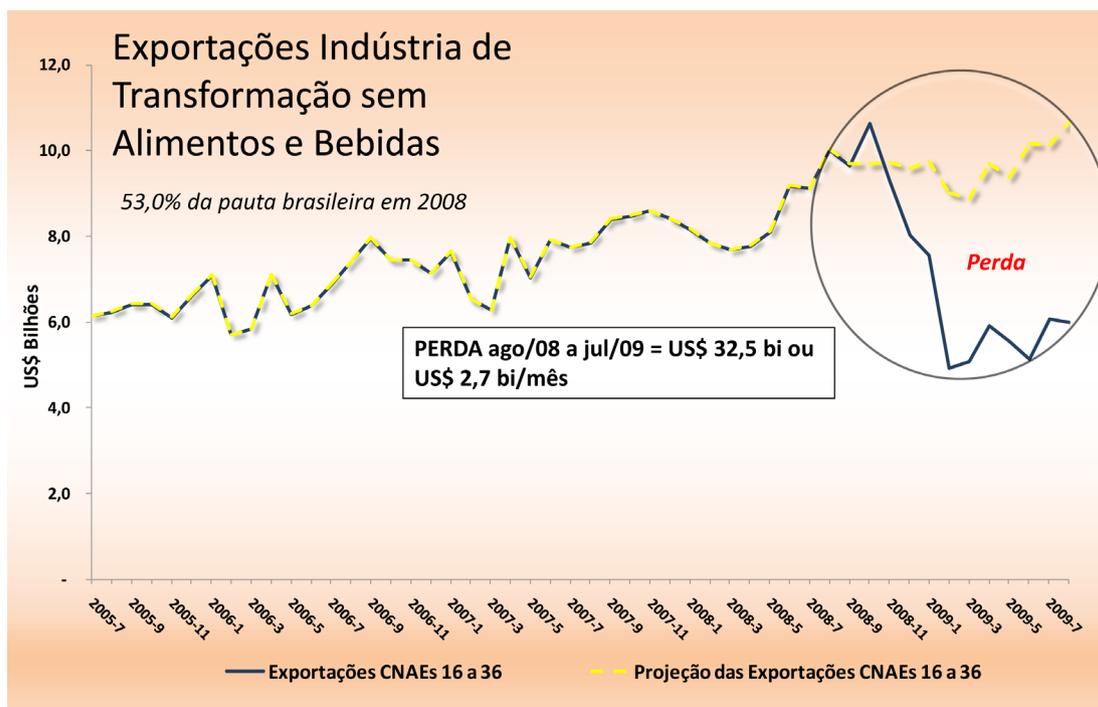
Somando um total de US\$ 111,7 bilhões no acumulado maio de 2008 a julho de 2009¹⁶, e uma projeção de US\$ 99,2 bilhões, o comportamento conjunto das exportações agrícolas, das indústrias extrativas e de alimentos e bebidas obteve um ganho real líquido da ordem de US\$ 12,5 bilhões ou US\$ 833,0 milhões/mês. De acordo com os comentários anteriores, os eventos que marcaram a primeira fase da crise mundial favoreceram as exportações desse conjunto de setores de modo a elevar em mais de 12,6% as exportações em relação ao valor projetado. Como se pode observar, somente no período maio a novembro de 2008, as vendas externas dos setores agrícolas, extrativo e da indústria alimentícia acumularam uma receita de US\$ 15,0 bilhões ou US\$ 2,1 bilhões/mês. Segundo as análises apresentadas para esse período, novamente confere-se o efeitos da crise mundial sobre as exportações de óleos brutos de petróleo, minério de ferro e grãos de soja, que se elevaram, respectivamente, em mais de 110,1%, 86,0% e 72,7%, comparando-se ao desempenho de maio a novembro de 2007. No que se refere somente à contribuição da indústria de alimentos e bebidas para as exportações conjuntas dos três distintos grupos de setores, esta acumulou US\$ 3,2 bilhões de maio a novembro de 2008. Portanto, ressalta-se que a indústria de alimentos e bebidas parece

¹⁶ A mudança na tendência de longo prazo das exportações dos setores agrícola, extrativos e de alimentos e bebidas ocorreu em maio de 2008, registrando o início dos efeitos da crise mundial.

ter sido o único setor da indústria de transformação aqui analisada que apresentou resultado líquido positivo durante a crise econômica internacional.

Desta forma, cabe ainda mensurar o volume da perda real da indústria de transformação quando se retiram do seu desempenho as exportações do setor de alimentos e bebidas. O Gráfico 6 apresenta o valor observado das exportações e a projeção da indústria de transformação, desconsiderando-se as vendas externas da indústria voltada à produção agroalimentar.

Gráfico 6: Exportações e projeção das exportações da indústria de transformação sem alimentos e bebidas – julho de 2005 a julho de 2009



Fonte: Mdic. Elaboração Apex-Brasil.

Ao se analisar inicialmente o desempenho da **indústria de transformação sem alimentos e bebidas**, computa-se uma perda real líquida de **US\$ 32,5 bilhões ou US\$ 2,7 bilhões/mês**, que se estende de agosto de 2008 a julho de 2009. Em termos relativos, admite-se que as exportações desse conjunto de setores foi 27,9% menor do que se previa. Sabendo-se que as exportações de alimentos e bebidas apresentaram ganho real líquido durante a crise, esperar-se-ia que o prejuízo calculado para o setor de transformação fosse mais elevado ao desconsiderar as vendas externas agroalimentares. Explica-se que o ganho real conferido às exportações da indústria de alimentos e bebidas evitou apenas temporariamente a queda das vendas externas da indústria de transformação.

Dada a significativa participação das exportações da indústria de alimentos e bebidas na pauta exportadora brasileira, conclui-se que o ganho real de US\$ 3,4 bilhões computado exclusivamente no período maio a outubro de 2008 possibilitou minimizar as perdas atribuídas ao total da indústria de transformação até agosto de 2008. Neste último mês, observa-se o início da perda das exportações dos setores de transformação

sem a indústria alimentícia em relação à sua projeção, como se destacou no Gráfico 6. Ou seja, quando analisados os setores da indústria de transformação em conjunto, o ganho real líquido atribuído somente às exportações de alimentos e bebidas não se constituiu em uma característica do movimento geral das indústrias de transformação.

Considerações Finais

A discussão dos impactos da crise econômica internacional sobre as exportações dos principais setores da economia suscitaram uma avaliação quantitativa dos seus efeitos, a fim de calcular ganhos e perdas reais efetivamente gerados com a crise. Obviamente, cada atividade econômica respondeu de modo diferenciado aos fatos que marcaram a crise mundial. Verificou-se que os setores agrícolas, extrativo e agroalimentar acumularam ganhos com a crise econômica internacional, já que suas exportações foram valorizadas durante a primeira fase, ao passo que as vendas externas da indústria de transformação somaram perdas devido à recessão mundial verificada na segunda fase.

Os efeitos da crise mundial sobre as exportações brasileiras setoriais no período maio a novembro de 2008 foram positivos sobre as vendas externas dos setores agrícola, das indústrias extrativas e de alimentos e bebidas no Brasil. Esses setores apresentaram ganhos reais da ordem de **US\$ 15,0 bilhões ou US\$ 2,1 bilhões/mês** sobre o valor projetado para o período. Isto porque o valor das exportações foram 12,6% maiores do que o previsto. **Sabendo-se que representaram 44,5% do total da pauta brasileira em 2008, constatou-se que os benefícios auferidos por esses setores durante a primeira fase da crise econômica internacional explicaram o comportamento das exportações brasileiras totais.** A valorização artificial dos preços das *commodities* no mercado internacional foi acompanhada pelo fato das exportações brasileiras do início do ano de 2008 serem registradas apenas em maio do mesmo ano. Verificou-se ainda que o desempenho positivo desse conjunto de atividades econômicas foi sustentado no ano de 2009 pelas compras chinesas de minério de ferro e grãos de soja, seguindo a estratégia especulativa de acumulação de estoques por parte da China, já que se encontra em baixa a cotação dessas *commodities* no mercado internacional.

Contrariamente ao comportamento das exportações dos setores agrícolas, extrativo e da indústria de alimentos e bebidas, as atividades econômicas que compõem o total da indústria de transformação do Brasil deixaram de exportar **US\$ 4,6 bilhões/mês** de novembro de 2008 a julho de 2009. Ou seja, as vendas externas desse conjunto de setores acumularam perdas reais líquidas da ordem de **US\$ 41,9 bilhões**, o que representou uma contração de 35,5%, em comparação ao que se esperaria exportar sob condições normais do cenário mundial, isto é, sem a crise. **O período novembro de 2008 a julho de 2009 acabou por definir as perdas mais expressivas para as exportações brasileiras totais, já que os setores da indústria de transformação compuseram 70,1% da pauta exportadora brasileira em 2008.** Em verdade, esse período refletiu a retração da totalidade das atividades industriais no Brasil e, portanto, não somente àquelas voltadas à produção de bens de menor valor agregado. A crise mundial atingiu seriamente as exportações das indústrias intensivas em escala (veículos e metalurgia básica) e intensivas em manufaturas produzidas por fornecedores especializados (máquinas e equipamentos).

No Quadro 1, apresenta-se o resumo do desempenho das exportações dos setores agrícola e

industrial. Nota-se que o comportamento das vendas externas foi analisado segundo os impactos da crise sobre cada setor em particular.

Quadro 1: Impactos da crise econômica internacional sobre as exportações brasileiras dos setores agrícolas e industriais

Setores	Período	Ganho/Perda (US\$ bilhões)	Ganho/Perda (%)
Indústria de Transformação	Nov/08 a Jul/09	Perda: US\$ 41,9 bilhões	-35,5
Metalurgia Básica	Fev/08 a Jul/09	Perda: US\$ 2,8 bilhões	-9,6
Veículos Automotores, Reboques e Carrocerias	Ago/08 a Jul/09	Perda: US\$ 5,9 bilhões	-37,3
Máquinas e Equipamentos	Set/08 a Jul/09	Perda: US\$ 4,3 bilhões	-32,6
Couros e Artefatos	Nov/08 a Jul/09	Perda: US\$ 0,8 bilhões	-28,6
Alimentos e Bebidas	Mai/08 a Jul/09	Ganho: US\$ 1,3 bilhões	3,2
Indústria Extrativa	Mai/08 a Jul/09	Ganho: US\$ 13,3 bilhões	49,4
Agricultura e Pecuária	Mai/08 a Jul/09	Ganho: US\$ 3,4 bilhões	13,0
Setor Agrícola + Indústria Extrativa	Mai/08 a Jul/09	Ganho: US\$ 15,0 bilhões	27,3
Setor Agrícola + Ind. Extrativa + Alimentos e Bebidas	Mai/08 a Jul/10	Ganho: US\$ 12,5 bilhões	12,6
Indústria de Transformação sem Alimentos e Bebidas	Ago/08 a Jul/09	Perda: US\$ 32,5 bilhões	-27,9

Fonte: Mdic. Elaboração Apex-Brasil.

Diante dos resultados expostos, o desempenho positivo das exportações brasileiras totais na primeira fase da crise foi baseado nos ganhos reais auferidos pelas vendas externas do setor agrícola, das indústrias extrativas e da indústria de alimentos e bebidas. Pode-se verificar que dos US\$ 21,8 bilhões acumulados pelas exportações totais do Brasil de maio a outubro de 2008, cerca de US\$ 15,0 bilhões corresponderam aos ganhos com as exportações daqueles setores¹⁷. **Ou seja, cerca de 68,0% do total dos ganhos reais das vendas externas do País durante a primeira fase da crise mundial decorreram do desempenho das exportações dos setores intensivos em produtos agrícolas, recursos naturais e produtos agroalimentares.**

As perdas reais das exportações brasileiras na segunda fase da crise econômica internacional, entretanto, recaíram sobre a maioria dos setores da indústria de transformação. Isto porque, os US\$ 28,9 bilhões computados como perda real das exportações totais de novembro de 2008 a julho de 2009, tiveram origem nos US\$ 32,9 bilhões registrados como perdas reais de vendas externas daquele conjunto de setores, que exclui a indústria de alimentos e bebidas. **Em outras palavras, as perdas acumuladas pelas exportações brasileiras totais durante o período que marcou a recessão mundial corresponderam a 90,3% das perdas do conjunto de setores que compõem grande parte da indústria de transformação.**

Os cenários aqui apresentados acabaram por atrelar o comportamento das exportações brasileiras às vendas externas de produtos básicos, favorecidas pelos impactos positivos da crise internacional. Como se pôde comprovar, a maioria dos setores que compõem a indústria de transformação, responsáveis pela exportação de bens de maior valor agregado, apresentaram as maiores perdas com a crise econômica mundial. Ou seja, a indústria de transformação, à exceção de alimentos e bebidas, absorveu todos os impactos negativos da crise internacional sobre as exportações brasileiras.

¹⁷ Os ganhos reais da agricultura, pecuária, silvicultura, pesca, aquicultura, indústrias extrativas e alimentos e bebidas somaram US\$ 14,8 bilhões de maio a outubro de 2008.

Para receber mensalmente este boletim, envie um email para **apex@apexbrasil.com.br** com o assunto: “cadastrar boletim”, informando seu nome, empresa e cargo.

Para cancelar o recebimento, envie um email para **apex@apexbrasil.com.br** com o assunto: “cancelar boletim”.

ApexBrasil

AGÊNCIA BRASILEIRA DE PROMOÇÃO
DE EXPORTAÇÕES E INVESTIMENTOS



Ministério do
Desenvolvimento, Indústria e
Comércio Exterior



Setor Bancário Norte, Quadra 02, Lote 11
Edifício Apex-Brasil CEP 70.040-020
Brasília – Distrito Federal

Tel: +55 61 3426-0202
Fax: +55 61 3426-0263
apex@apexbrasil.com.br

www.apexbrasil.com.br